

AUTO-RETRATO RETOCADO

Em torno de *Minha formação* de J. Nabuco

MARILIA ROTHIER CARDOSO *

RESUMO

As memórias dos modernistas são tomadas como referência para considerar exemplares equivalentes da virada do século. Prosseguindo na tomada de conhecimento da autobiografia, propõe-se o jogo intertextual da mesma com o romance pseudo-autobiográfico contemporâneo. Da flagrante diferença entre *Minha formação* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, surge o caminho do raciocínio interpretativo.

* Professora de Literatura Brasileira da UERJ. Mestre em Letras. Este trabalho foi redigido durante o curso «Memorialismo e Autobiografia», ministrado pelo Prof. Dr. Silvano Santiago, na PUC-RJ, 1º semestre de 1986.

À GUIA DE INTRODUÇÃO:

O escritor através do espelho

O memorialismo modernista tornou-se referência obrigatória para a leitura da autobiografia no Brasil. A safra rica de lembranças dos “meninos antigos”, publicada entre os anos cinquenta e oitenta, passou a atrair o interesse do crítico para esse tipo de produção. Acresce que, coincidindo com o sucesso dos últimos volumes compostos pelos velhos moços de *A Revista*, outra onda autobiográfica tomou o país. Nas primeiras brechas da abertura, políticos retornados do exílio preencheram as listas de “best-sellers”. Traziam versões pessoais da fatia que lhes coube viver da história recente. Em seguida, novos Narcisos de dezoito anos — sem tempo para experiência política ou literária — usaram a palavra para contar sua rebeldia contra família, escola, padrões de comportamento.

Se exista um ponto de acordo entre a maioria dos nossos prosadores de hoje é a tendência ao memorialismo (história de um clã) ou à autobiografia, tendo ambos como fim a conscientização política do leitor. (...) essa tendência (...) nunca foi tão explícita na dicção da prosa, deixando ainda mais abaladas as fronteiras estabelecidas pela crítica tradicional entre memória afetiva e fingimento, entre as rubricas memórias e romance.¹

O excesso, num terreno antes carente, obrigou o analista a adaptar seus instrumentos ao objeto que reclamava sua atenção.

Percorrendo o caminho que levou a “ficção” modernista à “confissão”, o discurso crítico tomou os relatos de “verdes anos” como referência para — por diferença — compreender depoimentos de ex-guerrilheiros e desabafos de adolescentes. É levado, assim, à (des)obediência (civil) aos limites da literariedade.

(...) nosso esforço tem sido o de trabalhar em favor da determinação de literatura enquanto modalidade discursiva, (...) procuramos mostrar o antagonismo desta determinação com a de literatura enquanto modalidades do documento, seria inevitável que viéssemos a nos confrontar com a questão da autobiografia.²

Se as perspectivas teóricas diferem, o objeto focado é comum. Quanto a este, no caso brasileiro, para abarcar um horizonte mais amplo, impõe-se a leitura de experiências autobiográficas do período anterior ao modernismo. Aí, a lírica romântica confessional faz sombra aos poucos retratos (em prosa), quase prejudicados pela rigidez da postura retórica. Em tais condições, vale enfocá-los pelo cruzamento de duas trilhas — a do memorialismo literário (desdobramento de romance) e a da pseudo-autobiografia. A primeira resulta da ruptura modernista, a segunda, composta nos oitocentos aponta para tal ruptura. Esta desenvolve o “esboço de uma nova teoria da alma humana”, na pena ficcional dos vários Jacobinas machadianos.

O exemplar de discurso autobiográfico oitocentista, escolhido para leitura, é *Minha formação* de Joaquim Nabuco. Pode-se, então, contar com uma terceira trilha de luz, para confronto — a correspondência Machado-Nabuco. Adiante-se, em favor do encaminhamento proposto, a evidente inversão de posição entre discursos públicos e privado. As cartas de Machado, contidas, formais e até burocráticas, pouco têm de pessoal, em contraste com a nota ousadamente original e individualizada (sob disfarce) própria da ficção. Por seu lado, a familiaridade quase espontânea da correspondência particular de Nabuco, mesmo tratando de assunto acadêmico ou diplomático, não encontra desdobramento na publicação autobiográfica. O Embaixador fala de si com tal distanciamento, que é como se compusesse uma personagem.

Memorialismo e autobiografia, formas de autoconhecimento pela experiência da escrita, resultam necessariamente de um ponto de vista individual. Se só por anacronismo pode-se falar em autobio-

grafia antes de invenção do indivíduo, é forçoso considerá-la em período, como o século XIX, que exacerbaram a subjetividade.

Desde que o ocidente converteu a individualidade em valor, a impaciência de viver se desdobrou na impaciência de contar. E a narrativa real ou fingida da própria vida se tomou um tipo de história, mais confiável que o enredo de romances e novelas.³

Com a entrada do indivíduo, penetra também, no horizonte ocidental, a ordem capitalista com sua estratificação social. Concorrendo com o estamento, a classe impôs-se e dividiu, com sua marca, as falas individuais. Assim, para tratar da autobiografia, importa atentar para o tempo tanto quanto para o espaço social. Se, em termos ocidentais, a incidência de narrativas de vida na classe burguesa é muito maior do que na classe proletária, no caso do Brasil, estas tornam-se praticamente inexistentes. Subdesenvolvida e autoritária, nossa sociedade só dá acesso à escrita para as narrativas das camadas mais altas. As outras, quando ouvidas, caem no caso das minorias raciais ágrafas, são registradas pelo discurso do romancista ou do antropólogo — onde o eu faz-se outro. Discurso de classe dominante, a memória e autobiografia brasileira oscilam entre a perspectiva ideológica reacionária e a revolucionária, com variadas nuances entre os pólos extremos.

(...) o romance brasileiro modernista buscou consciente ou inconscientemente a sua postura ideológica mais avançada no discurso ficcional memorialista, como a dizer que a aventura individual, pela sua rebeldia social e audácia política, pela sua fuga e desrespeito da norma burguesa, pela sua ambição de ser exemplo e modelo autênticos de individualismo em regimes autoritários, seria digna da curiosidade e interesse dos seus pares.⁴

Habitado a ler o memorialismo modernista, assim configurado, o analista tenderá a cobrar da autobiografia romântica-realista uma audácia crítica que ela está longe de oferecer. Mas já que não contamos, para escrever nossa história social do século XIX, com um repertório de relatos de operários, artesãos, pequenos comerciantes, camponeses (como o que P. Lejeune levantou na Biblioteca Nacional francesa),⁵ para confrontar com o dos escritores, temos de contentar-nos com um número reduzido destes, a serem considerados no pano de fundo mais permeável ao discurso do outro, que constitui a ficção propriamente dita.

Uma vez que “memórias e autobiografias são substitutos dos espelhos”,⁶ cabe usar, como instrumento de análise, o relato-teoria de Jacòbina.⁷ Daí, se buscará o contraste entre a imagem refletida e seu vazio, considerando as circunstâncias propiciadoras de aparecimento e desaparecimento da mesma. Difícil encontrar outro procedimento para apreciar Nascisos que, não se dando conta do desvio idealista-ornamental que operam em seu reflexo, apresentam-no como exemplo às gerações futuras.

A alma do tempo da Monarquia

O traço que identifica a vida-obra de Joaquim Nabuco, na caracterização da elite governante brasileira do século XIX é o equilíbrio estético, sistematicamente buscado. Nada discrepa na trajetória desse filho de “estadista do império”, que se faz bacharel, deputado abolicionista e diplomata. A regularidade dos traços de seu rosto deve repetir-se na coerência dos passos do monarquista que a República vai buscar no ostracismo voluntário para fazê-lo seu defensor em questões de limites. O sucesso de Quincas, o Belo, nos salões e nas tribunas, repete-se sem desvios na atuação brilhante do Ministro Plenipotenciário em Roma. Assim se compôs sua lenda: uma imagem perfeitamente harmônica sobrepõe o embaixador ao menino de Massangana.

O talento de Joaquim Nabuco, o muito que ela ouvira falar de suas bravas lutas políticas, o encanto do seu trato e com certeza em parte sua notável beleza física impressionaram a moça de modo definitivo.”

“Vejo-o sempre na sua bela pré-velhice, com a fartura branca dos cabelos e do bigode. Acontece que, para o público em geral, o interesse principal desta casa é o de ter sido residência de Joaquim Nabuco, é de ter ele escrito aqui livros que sobrevivem.”⁸

— (...) Aqui em São José houve uma negra que eu conheci que era um pancadão de mulher; e doida por Nhô Quim. Bonitão como era, fez a crioula perder a cabeça por ele. Mas ela nada de cair nos braços da negra. Que bonita filharada mulata Nhô Quim podia ter arrancado do ventre daquela danada! Mas ficou no palavreado, a elogiar negro, a louvar da boca pra fora as mães pretas, a alforriar escravo, a atacar senhor de engenho que botava negro de

castigo, sem coragem de emprenhar as negras (...).
Nabuco era um tipo perfeito de corpo.⁹

Nas palavras orgulhosas da filha e biógrafa, tanto quanto na malícia do depoimento ficcionalizado do conterrâneo Gilberto Freyre, ressaltam as referências à beleza do corpo e do discurso de Nabuco. Apresentando *Minha formação*, Alceu Amoroso Lima contribui para a mitificação do escritor:

Só vi Joaquim Nabuco uma vez na vida: de relance e na adolescência. Mas bastou para que ficasse gravada, para sempre, em minha retina, a imagem mais fulgurante do humanismo brasileiro em sua encarnação pessoal. Vi-o antes de lê-lo e, quando o li, revi-o tal qual o havia visto antes de o ler. O espírito e o corpo formavam nele uma unidade tão harmoniosa, que até hoje nenhum dos nossos compatriotas o excedeu. Nem mesmo se lhe equiparou. Continua solitário, único, inconfundível.¹⁰

Como escritor, Nabuco desenvolveu estratégias retóricas que mantém sua frase tão aristocraticamente elegante quanto sua postura pública. Compondo sua obra em francês e em português, reuniu os ensaios poéticos em *Amour et Dieu*, os projetos para a “obra de misericórdia nacional”¹¹ em *O abolicionismo*, a avaliação da carreira de seu pai em *Um estadista do Império*, e, como coroamento, as convicções de monarquista liberal e de católico nas pascalianas *Pensées detachées et souvenirs*. Dentre essa coleção de textos que almejam a beleza da figura, que feição poderia tomar o auto-retrato legado aos filhos?¹²

Se, ao escrever as memórias, Nabuco se deixasse levar ao sabor das reminiscências, o equilíbrio da obra e a reputação do homem poderiam ficar comprometidos. Perigoso deixar brechas a desabafos ou lapsos. Seu estilo não suportaria a acronia ou o ilogismo, nem sua posição de diplomata se conformaria com uma imagem borrada. Daí seu afastamento do tom confessional e seu empenho pedagógico de dar conta de sua formação.

A primeira idéia foi contar minha formação monárquica; depois, alargando o assunto, minha formação político-literária ou literário-político; por último, desenvolvendo-o sempre, minha formação humana, de modo que o livro confinasse com outro, que eu havia escrito antes sobre minha reversão religiosa.¹³

O título e o propósito do livro já demarcam duas linhas de coerência e continuidade: a ausência de qualquer desvio da educação recebida e a valorização do legado paterno. Se pela linha hereditária, coube-lhe um nome ilustre e um porte elegante, seu papel é perpetuar, através das belas letras, um exemplo da vida. Sua autobiografia não pode ter senão “o propósito de transmitir lição”¹⁴ aos descendentes.

Um exame rápido da ordem dos capítulos de *Minha formação* mostra como a vida é, aí, conseqüentemente apresentada. Para alguém que aprendeu que só na tradição aristocrática e na obediência à hierarquia há saída para a opressão do indivíduo e o materialismo corruptor, importa recompor cada passo dessa experiência educativa.

O relato começa tratando de “Colégio e Academia”, não porque aí estejam as primeiras lembranças significativas, mas porque, correspondendo ao momento da rebeldia adolescente, conduzem à maturidade: sábio reconhecimento dos valores da família. A educação se faz pelo exemplo e pelos livros. A carreira do pai, senador do Império, e a *Constituição Inglesa*, livro de Bagehot, deram-lhe a grande lição, de que ele nunca mais se afastou durante a vida.

O senador Nabuco, porém, foi quem iniciou, guiou, arrastou um grande movimento (...) do campo conservador para o liberal, da velha experiência para a nova experimentação, das regras hieráticas do governo para as aspirações ainda informes da democracia.

A idéia *principal* que recebi de Bagehot foi (...) que uma monarquia secular, de origens feudais, cercada de tradições e formas aristocráticas, como é a inglesa, podia ser um governo mais direto e imediatamente do povo do que a república.¹⁵

Feito “adido de legação”, uma vez terminados o curso de Direito e a “primeira viagem à Europa”, serve, primeiro, em Londres, já que o destino — ou o prestígio da família — cuida de confirmar-lhe as convicções. “32 Grosvenor Gardens” ficará como lembrança inesquecível de “felicidade” — “a admiração, o sentimento do que é belo em conta de participação com os que nos são harmônicos.”¹⁶

Prova de apego às posições tomadas e coerência na condução da vida é da escrita, é que o segundo posto, em “Nova Iorque”, não conseguiu seduzir o jovem Nabuco, ao contrário de tantos de seus contemporâneos, entusiasmados com a república americana.

O "Diário de 1877" — que constitui o capítulo XV — demonstra o quanto ele foi um moço de juízo, observando lucidamente a política americana e apontando-lhe os enganos: o isolacionismo, a precedência da ordem econômica sobre a política, a distância entre governo e sociedade civil.

Terminada a "formação política" no exterior, chega a momento, para esse filho de estadista, de "representar" o seu "papel" no Parlamento do Império. Mesmo consciente de que só lhe interessaria a política que "pudesse converter em assunto literário, ou em nota crítica ou observação",¹⁷ o desejo de continuar a carreira do pai levou Nabuco a aceitar sua eleição para deputado. Ao narrar essa passagem enfatiza a única — e grande — justificativa de sua ação parlamentar: a campanha abolicionista.

Nesse sentido é a emancipação a verdadeira ação formadora para mim, a que toma os elementos isolados ou divergentes da imaginação, os extremos da curiosidade ou da simpatia intelectual, os contrastes, os antagonismos, as variações de faculdades sensíveis à verdade, à beleza, que os sistemas mais opostos refletem uns contra os outros, e constrói o molde em que a aspiração política é vazada, e não ela somente, a inteligência, a imaginação, os próprios sonhos e quimeras do homem.¹⁸

Só depois de justificar ética e esteticamente o caminho percorrido, Joaquim Nabuco se permite enxertar, no relato, uma página da infância. E isso para dar conta de que vinha daí seu "interesse pelo escravo". A emoção, que lhe escapa com as lembranças de "Massangana", é tão artisticamente dosada que o capítulo tornou-se citação obrigatória nas antologias.

Ao percorrer os "primeiros antecedentes" oitocentistas da "escrita do eu" no Brasil, Eliane Zagury coloca, lado a lado, as recordações infantis de *Trechos da minha vida* de Taunay e de *Minha formação*. Aí, fica óbvio o contraste entre a simplicidade ingênua com que Taunay alinha travessuras infantis, sob o beneplácito dos pais, e o rigor moral e estilístico da técnica de composição de Nabuco.¹⁹ Em ambos ressalta, por sua vez, o sentimento — mais ou menos espontâneo — de gratidão pela atitude protetora da família e de simpatia pelos escravos, simpatia fundada na certeza da perene docilidade dos negros.

Os exemplos de Nabuco e Taunay servem para definir o teor do discurso autobiográfico no século XIX: coroamento de uma

carreira de prestígio, trilhada por membro destacado da elite nacional. Daí o escamotamento de eventuais deslizes e, principalmente, a justificativa dos valores e comportamento do estamento superior. Nesse momento, só a pseudo-autobiografia pode ocupar a posição crítica, apresentando, das mesmas cenas o reverso da medalha. Tendo ascendido pelo sucesso nas letras, sem nome ou família que lhe abrissem oportunidades políticas, Machado de Assis exercita a sutileza do humor para desmascarar, nas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, a inocência edênica da infância, a sabedoria do amor paterno e a doçura das relações senhor-escravo. Leiam-se paralelamente as citações abaixo:

Que alma nobre a desse servo, que coração afetuoso e cheio de delicadeza tão acima de sua condição!»

«Esperava eu mais uns dous ou três minutos e recomeçava, assim, umas três ou quatro vezes, e ele, sempre paciente e bondoso (...) dava-me o troco por um ato reflexo, até que afinal, me repreendia brandamente: Ah Sinhozinho! também basta! deixa a gente dormir sossegado! Aí então deixava eu de o atormentar.²⁰

Oh! os santos pretos! seriam eles os intercessores pela nossa infeliz terra, que regaram com seu sangue, mas abençoaram com seu amor. (...) formei a resolução de votar a minha vida, se assim me fosse dado, ao serviço da raça generosa entre todas que a desigualdade da sua condição enternecia em vez de azedar o que por sua doçura no sofrimento emprestava até mesmo à opressão de que era vítima um reflexo de bondade...²²

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia; algumas vezes gemendo, mas obedecia sem dizer palavra ou, quando muito, um — ‘ai, nhonhô!’ ao que eu retorquia: — ‘Cala a boca, besta!’²¹

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio — o que pai libertara alguns anos antes. (...)

(...) Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio, achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo. Era um modo que Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas — transmitindo-as a outro. (...) Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, (...) agora é que ele se desbancava: comprou um escravo e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto.²³

A agilidade, incomparavelmente maior, do discurso ficcional machadiano, revela-se na sintaxe e na semântica. Livre das peias da subordinação, a frase aponta o círculo vicioso da violência social.

Rigor e crueldade (no sentido artaudiano) determinam o corte desse discurso. Estão ausentes dos outros, temerosos de meter “mais dentro a faca do raciocínio” ou a pinça do desejo.

Tendo-se esquivado de escrever sua própria autobiografia, Machado se esconde nos clichês da conveniência quando escreve cartas e as assina. Desmitificador sistemático da figura paterna, revelador de falsas genealogias, escreveu, no entanto, a Nabuco, a seguinte carta:

(...) ainda que de longe, terei o gosto de vê-lo continuar a horar esse nome, duas vezes seu, pelo pai que tanto fulgiu outrora, e por si. Você escreveu a vida de um, alguém escreverá um dia a do outro, e nela entrará o nobre capítulo que acaba de fechar.²⁴

Nabuco jamais leria a marca irônica na correspondência do amigo. Preso ao seu status e persuadido dos valores do mesmo, mostrava-se agradado dos elogios, que não lhe pareciam excessivos. “Narciso só acha feio / o que não é espelho”.

Há tempos recebi a sua carta sobre a Sentença, carta verdadeiramente primorosa (...) que benevolência e do seu espírito, eu ia dizendo, que beatitude! Você pode cultivar a vesícula de fel para a sua filosofia social, em seus romances, mas suas cartas o traem. Você não é somente um homem feliz, vive na beatitude (...) ²⁵

Se nos soa interessadamente ingênua a posição de Nabuco, vale passar os olhos pelas memórias do contemporâneo de Drummond e Pedro Nava, Afonso Arinos e Melo Franco:

“Nasci em fins de 1905, filho de um casal de ilustre progênie, mineira e brasileira. (...) Na *Vida* de meu pai, onde tal matéria era pertinente, atribui-lhe o desenvolvimento que me pareceu razoável (...). De resto, apesar de ser eu algumas vezes criticado como portador de uma ridícula vaidade linhagista (...) ²⁶

O modelo autobiográfico à Oswaldo de Andrade fica a enorme distância desse companheiro de modernistas, que tomou o caminho da política, sem abrir mão da carreira de escritor e projeta relatar sua experiência em memórias que classifica de “literárias”. Ainda que não enfatize uma preocupação pedagógica, procura acompanhar o padrão de Nabuco. Tendo publicado a biografia de seu pai, intitulou-a *Um estadista da República*.

“Meu melhor discurso do ano de 1949 foi o que proferi na sessão de 19 de agosto sobre Joaquim Nabuco, ao ensejo do centenário de seu nascimento. (...) Relendo hoje estas velhas frases, lançadas de improviso na tribuna, fico pensando em como elas correspondem ainda ao que existe de mais autêntico na minha posição, (...). Estão nelas a síntese do meu pensamento: relatividade das doutrinas, aceitação do progresso social, crença nos valores permanentes e imprescindíveis do ser humano.²⁷

Memórias Políticas de Quincas Miramar

Sob as ordens de papai

No “Eden” — do “pensieroso” pós-Freud — cabem o menino e sua mãe, mais “as mocinhas de maiô”, porque “as mulheres não têm pernas” e há “urbanos apitando nas noites cheias”.²⁸ No fim do século, quando o aburguesamento se alastra, o engenho de Massangana, presidido pela madrinha, é uma imagem da Idade Dourada, posta entre senhores santificados e “libertos” para sempre leais.

Profissional de diplomacia — embora caracteristicamente diletante na política e na literatura —, Joaquim Nabuco transforma o relato de sua infância no currículo perfeito do Ministro Plenipotenciário em Roma. Nenhum deslize. A rebeldia dos tempos de estudante é tão equilibrada que parece forjada por desígnios políticos do pai:

Desde o primeiro ano fundei um pequeno jornal para atacar o ministério Zacarias. Meu pai, que apoiava esse ministério, escrevia-me que estudasse, me deixasse de jornais e sobretudo de atitudes políticas em que se podia ver, senão uma inspiração, pelo menos uma tolerância da parte dele.²⁹

Até a grande decepção dos primeiros anos — a perda da madrinha e da herança — são providenciais, pois colocam esse Nabuco de Araújo, despojado de suas propriedades, em pé de igualdade com os escravos, a cuja libertação dedicou sua carreira.

A mudança de senhor era o que havia de mais terrível na escravidão, sobretudo se se devia passar do poder nominal de uma velha santa, que não era mais senão a enfermeira de seus escravos, para as mãos de uma família até então estranha. E como para os escravos, para os rendeiros, os

empregados, os pobres, toda a *gens* que ela sustentava, a que fazia a distribuição diária de rações, de socorros, de remédios... Eu também tinha que partir de Massangana, deixado por minha madrinha a outro herdeiro (...). Ainda hoje vejo chegar, quase no dia seguinte à morte, os carros de bois do novo proprietário... Era a minha deposição... Eu tinha oito anos.³⁰

A decadência do patriarcado transformou os “meninos de engenho” nos “fazendeiros do ar”. Perdido o status econômico, foi possível manter as influências, o que lhes garantiu um posto na burocracia estatal e um ímpeto revolucionário na carreira das letras. Ainda que temporariamente, Drummond trocou as flores dos jardins das primas, pela “rosa do povo” e Oswald, que (como faz questão de ressaltar) já ensaiava “passos de maxixe no meio da pretada”,³¹ faz sua auto-crítica rigorosa:

(...) eu prefiro simplesmente me declarar enojado de tudo. E possuído de uma única vontade. Ser pelo menos, casaca de ferro na Revolução Proletária.³²

A geração anterior — geração de Nabuco —, pertencente ao estamento já ameaçado pela emergência da classe, compensou a perda da fortuna com os cargos de relevo e reagiu, com a estetização aristocrática da vida, ao mau gosto republicano dos burgueses. Participando da campanha abolicionista, em nome de ideais humanitários, os Nabuco, os Rebouças, os Lobo abominaram a mercantilização dos valores e a popularização dos costumes.

Ah! decerto o trono caiu e muita coisa seguiu-se que me podia pensar hoje com algum travo nesses anos de perfeita ilusão... mas não, devia ser assim mesmo... As conseqüências, os desvios, as aberrações estranhas e alheias, não podem alterar a perfeita beleza de uma obra completa, não destroem mais o ritmo de um ciclo encerrado...³³

Da agressividade da expressão revolucionária ao escamoteamento idealizante dos tradicionalistas, o traço comum às duas gerações de escritores é a prática do memorialismo como fixação de cenas e ambientes, que o curso do tempo foi razendo desaparecer.

O retrato da família patriarcal, que os intelectuais de vinte e trinta resgataram de seus baús senhoriais, apresenta uma variedade de poses. Ora é a figura agigantesca do avô José Paulino — cabeça de um corpo (canaviais, escravos, agregados) depauperado mas obe-

diente; ora é uma montagem cubo-futurista de que o pai é retirado e onde a mãe — “coração amazônico” em São Paulo — fragmenta-se nas Madôs, Landas, Célias e Daisies. Ou, ainda, é um cinematógrafo místico-erótico, povoado de musas e orfeus:

. . . Superadas pianolas, minhas avós de carne e osso, ó vós, ovas sem ovações, mulheres-avós que eu nunca vi, desovadas em rios dioscuros da obscura, difícil Minas de pedra, que me fazia doer o peito por falta de mar; vindas de vulvas montanhosas e de falos insipientes da importância da futura influência humana e financeiras do Brasil; bisavós remotas casadas com gigantones cabezudos; deixando cair as fazendas em usocapião, abolindo os domínios Paraopeba e Congonhas.³⁴

Preso à estética romântico-parnasiana e à ética liberal-aristocratizante, daguerreótipo do final do século — tirado por Joaquim Nabuco — condensa o pai senador a D. Pedro II, desloca as mulheres para os cantos e veste o menino de homenzinho circunspecto.

Eu sinto a idéia de Deus no mais afastado de mim mesmo, como o sinal amante e querido de diversas gerações. (. . .) Foi na pequena capela de Massangana que fiquei unido à minha (cadeia).³⁵

Em *Minha formação*: nenhuma crítica ao latifúndio escravocrata, estendido ao paço imperial. Nenhuma desconfiança do sadomasoquismo na relação do sinhozinho com a mãe/moleca preta. Só discreção e orgulho familiar. E algo de sonso, nesses tempos pré-Gilberto Freyre.

Outro traço une as duas gerações de memorialistas — a educação europeizante. Dswald-Miramar repete o roteiro de Nabuco. Terminada a Academia, a família decide o “conhecimento viajero do mundo” para o rapaz de nome notável e fortuna periclitante. Mas, se em quarenta anos pouco mudou a Europa, muito mudaram os bacharéis brasileiros. Do diário de Quincas, expurgaram-se quaisquer referências maliciosas e registraram-se visitas e mosteiros e escritores. É um roteiro de retorno à fé e ao monarquismo constitucionalista.

As lembranças oswaldianas são agressivamente críticas tanto à tradição etnocêntrica quanto ao conservadorismo da sociedade brasileira.

Por que gostava eu mais da Europa que do Brasil? (...) Nunca fui com a nossa literatura vigente. A não ser Machado de Assis e Euclides da Cunha, nada nela me interessava. (...) A irregularidade, a contravenção para que eu nascera e para a qual agora escapava, fugindo também ao cáldo e envolvendo agasalho materno. (...) no Brasil tudo era feio, tudo era complicado. (...) apenas nas classes altas, se esboça um movimento de liberdade de idéias correspondente à evolução moral do mundo. (...) Na Europa, o amor nunca foi pecado. (...) Enfim, o que existia era uma vida sexual satisfatória, consciente e livre.³⁶

Conforme Paulo Prado, foi na Place Clichy, “umbigo do mundo”, que Oswald de Andrade descobriu o Brasil. Para Nabuco, o Velho Mundo só serviu para reforçar seu europeísmo aristocrático. Encontrou no eixo Paris-Londres o que acreditava ser suas verdadeiras origens.

A nossa imaginação não pode deixar de ser européia, isto é, de ser *humana*; ela não pára na *Primeira Missa no Brasil*, para continuar daí recompondo as tradições dos selvagens que guarneciam as nossas praias no momento da descoberta; segue pelas covilizações todas da humanidade, como a dos europeus, com quem temos o mesmo fundo comum de língua, religião, arte, direito e poesia, os mesmos séculos de civilização acumulada, e, portanto, desde que haja um raio de cultura, a mesma imaginação histórica.³⁷

Nem traço das “nostalgias brasileiras”, nesse britânico que se fez abolicionista para comprovar a nobreza de sua estirpe. Legislou pela emancipação do negro e expandiu os limites de sua terra, sendo incapaz de perceber que

Os portos de meu país são bananas negras
Sob palmeiras
Os poetas de meu país são negros
Sob bananeiras
As bananeiras de meu país
São palmas calmas
Braços de abraços desterrados que assobiam
E saias engomadas
O ring das riquezas³⁸

Fazendo de Bagehot seu “baedeker” político, Nabuco disfarça sua vergonha com o atraso brasileiro, ao passear sua elegância de

elite pelo Hyde Park. Na volta, publica versos em francês e ataca o teatro de Alencar, que tinha o despudor de pôr escravos em cena. Certo de ter escolhido o bom caminho, apresenta sua "formação" como exemplo.

Machado, correspondente assíduo de Nabuco, foi efetivamente o missivista do escamoteio. Suas palavras elogiosas e algo humildes ao amigo diplomata — que se dignava mandar-lhe lembranças dos grandes vultos da Europa — só soam irônicas para nós, leitores dos anos oitenta. Para Nabuco, soavam "dulcíssimas".

Escrevo ao Mário de Alencar pedindo-lhe que venha a minha casa, quando eu morrer, e leve aquele galho de carvalho de Tasso que V. me mandou e o Graça me entregou em sessão da Academia." "Reli *Massangana*. Essa página da infância, já narrada em nossa língua, e agora transporta à francesa, que V. cultivava com amor, dá imagem da vida e do engenho do Norte, ainda para quem a conhece de outiva ou de leitura; deve ser verdadeira. (...) Tudo lá vai com os primeiros educadores eminentes do seu espírito, ficando V. neste trabalho de história e de política, que ora faz em benefício de um nome grande e comum a todos nós; mas o pensamento vive e viverá.³⁹

Com sua formalidade estudada, Machado nunca deu mostras de ressentir-se das glórias diplomáticas do amigo. Deixou-se ficar no Rio de Janeiro e na burocracia, sabendo-se conhecedor profundo da Europa, através dos livros. Tão profundo, diga-se, que tinha distanciamento crítico para não se deslumbrar com a tradição, nem entusiasmar-se pelo progresso. Também, não forçou a nota do cosmopolitismo e apontou, com lucidez, os equívocos do "instinto de nacionalidade".

Nas cartas, Machado louvou enfaticamente a obra de Nabuco, minimizando seus livros, que sabia muito mais resistentes às modas e ao tempo. Jamais revelou, diante do Nabuco liberal, herói do abolicionismo, a desconfiança desses projetos políticos, que ressalta, clara, de seus romances.

Do confronto entre as duas gerações de memorialistas, conclui-se que, se a proposta de Afonso Arinos pouco inova a de Nabuco, as grandes rupturas do texto de Oswald e Murilo já se tinham operado na pseudo-autobiografia machadiana. Brás Cubas — diante de Nabuco — é um Miramar despersonalizado, que não podia identificar-se, depois, "sob as ordens" da família que lhe faltava.

Com seu cosmopolitismo elitizante, Joaquim Nabuco deixou-se alienar, nos meandros da diplomacia. Distraiu-se de Freud, Nietzsche e Marx, como diria Serafim. Seu correspondente não perdeu nada do clima da virada do século. Percebeu o engodo do liberalismo, as falácias da razão e apontou, com freqüência, a aliança do saber com o poder. De seu posto de observação avançado, no terceiro mundo, operou seu corte na linha do pensamento ocidental.

A lucidez de Machado, não caberia o modelo autobiográfico de *Minha formação*. Enquanto trocava cartas polidas com Nabuco, ia-se transportando, imaginariamente, para o corpo-texto de Brás Cubas, Casmurro e Aires e escrevendo as memórias críticas da sociedade brasileira dos oitocentos.

NOTAS

1. SANTIAGO, S. (1984), p. 50
2. COSTA LIMA, L. (1986), p. 249, 250
3. Id. *ib.*, p. 243
4. SANTIAGO, S. (1982), p. 30
5. LEJEUNE, P. (s/d), p. 209, 234
6. COSTA LIMA, L. (1986), p. 244
7. MACHADO DE ASSIS, (1946-F), p. 259-276
8. NABUCO, Carolina (1973), p. 199, 170
9. FREYRE, G. (1964), p. 54
10. AMOROSO LIMA, A. In: NABUCO, J. (s/d), p. 6
11. NABUCO, J. (s/d), p. 122
12. Cf. dedicatória de *Minha formação*
13. NABUCO, J. (s/d), p. 126
14. COSTA LIMA, L. (1986), p. 244
15. NABUCO, J. (s/d), p. 21, 31
16. Id. *ib.*, p. 73
17. Id. *ib.*, p. 99
18. Id. *ib.*, p. 125
19. ZAGURI, E. (1982), p. 21-41
20. TAUNAY apud ZAGURY, E. (1982), p. 27
21. MACHADO DE ASSIS (1946 - M), p. 46, 47
22. NABUCO, J. (s/d), p. 133
23. MACHADO DE ASSIS (1946 - M), p. 214, 215
24. ————. (1946-C), p. 79, 80
25. Id. *ib.*, p. 81
26. MELO FRANCO, A. Arinos, (1979), p. 9
27. Id. *ib.*, p. 544, 545
28. ANDRADE, O. (1974), p. 7 / (1971), p. 13, 14
29. NABUCO, J. (s/d), p. 22
30. Id. *ib.*, p. 131
31. ANDRADE, O. (1974), p. 23
32. ————. (1971), p. 133
33. NABUCO, J. s/d), p. 144
34. MENDES, M. (1968), p. 9
35. NABUCO, J. (s/d), p. 127
36. ANDRADE, O. (1974), p. 66, 67, 68
37. NABUCO, J. s/d), p. 40, 41
38. ANDRADE, O. (1971), p. 36
39. MACHADO DE ASSIS, (1946 - C), p. 128, 110, 111

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Oswald de. *Memórias sentimentais de João Miramar/Serafim Ponte Grande*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1971.
- . *Um homem sem profissão. Sob as ordens de mamãe*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974.
- COSTA LIMA, Luiz. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1986.
- FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o filho padre*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964.
- LEJEUNE, Philippe. *Autobiographie et histoire sociale au XIX^e siècle. Individualisme et autobiographie en occident*. Ed. de l'Université de Bruxelles, s/d.
- MACHADO DE ASSIS. *Correspondência*. Rio de Janeiro, Jackson, 1946.
- . *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro, 1946.
- . *O espelho. Esboço de uma nova teoria da alma humana. Papéis avulsos*. Rio de Janeiro, Jackson, 1946.
- MELO FRANCO, Afonso Arinos. *A alma do tempo*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.
- MENDES, Murilo. *A idade do serrote*. Rio de Janeiro, Sablá, 1968.
- NABUCO, Carolina. *Oito décadas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.
- NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. Rio de Janeiro, Ediouro, s/d.
- SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- . *Prosa literária atual no Brasil. Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, I, 1:46-53, 1984.
- ZAGURY, Eliane. *A escrita do eu*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.